



REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DA REDE SOCIAL FACEBOOK NAS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA JUVENTUDE

Caroline Gonçalves Nascimento
Angelo Brandelli Costa
Marlene Neves Strey

Resumo

Cada vez mais a inserção da internet e o impacto das mídias sociais se mostram presentes no dia-a-dia das pessoas. É neste espaço onde a cultura e a expressão social são construídas, bem como as questões de gênero. O estudo objetivou investigar qual a relação da rede social *Facebook* nas construções de gênero na juventude, através da exposição de publicações com a temática gênero a grupos de estudantes entre 15 e 29 anos. Para tanto, buscou-se analisar as construções sociais de gênero na perspectiva das/dos jovens, por meio de narrativas decorrentes de grupos focais que foram realizados em uma escola pública da região metropolitana do Rio Grande do Sul. Este estudo contribui para a construção do conhecimento acerca das relações de gênero, ainda vistas como desiguais.

Palavras-chave: Construções de gênero. Facebook. Juventude.


Introdução

É cada dia mais perceptível a forma com que a internet está inserida no dia-a-dia das pessoas e o quanto ela ocupa um lugar importante nessa rotina. Além de expor cultura e expressões sociais, a internet também apresenta diversas questões de gênero. Esse contexto propicia a possibilidade de se problematizar as relações sociais construídas e aceitas socialmente e culturalmente (BERNARDES, 2014). Portanto, a internet acaba tornando-se um ambiente de comunicação diferenciado, tendo em vista que é um espaço de transformação social.

O conteúdo midiático direcionado ao público em geral, em especial às /aos jovens, pode contribuir nas construções de gênero e em como homens e mulheres situam-se no mundo, na cultura e nas sociedades. A internet, neste sentido, tem servido como suporte midiático de propagação e debate em torno de tal temática. Na contemporaneidade, não é novidade o papel que a internet desempenha no que tange à geração de novas formas de sociabilidade e de comportamento político e social (ALCÂNTARA, 2017).

A concepção de gênero é adotada no estudo como categoria analítica e pressuposto teórico-metodológico, considerando-a “uma forma de indicar ‘construções culturais’, que se



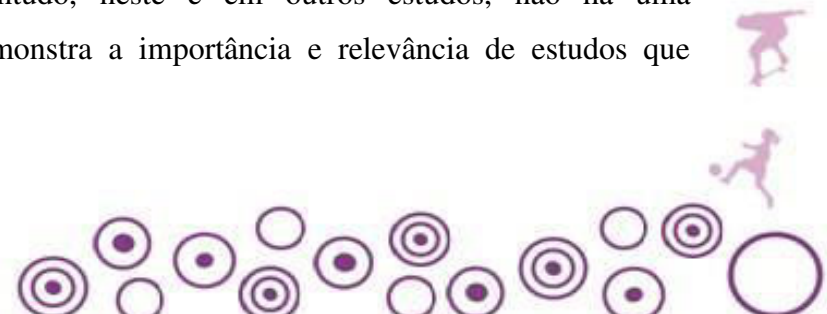



referem a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1990, pp.75). De acordo com Prá (2013), as construções sociais de gênero forjadas entre a juventude, são responsáveis por tornar desiguais mulheres e homens, com o reforço de ideologias e características femininas ou masculinas, consideradas desejáveis pela sociedade, que alimentam a dominação masculina.

Neste estudo, estas características estão descritas a partir de uma rede social muito acessada atualmente. Segundo Ciriaco (2012), a rede social *Facebook* é um dos meios de comunicação mais utilizados em todo o mundo e o Brasil já foi o segundo país com o maior número de usuários desta rede, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. A mídia modifica a forma como as pessoas se relacionam, aprendem, compram, namoram, votam, consultam médico, fazem sexo (GUARESCHI; BIZ, 2005); ou seja, é um recurso capaz de produzir opiniões, normas, valores, saberes, e subjetividades. Deste modo, o *Facebook* é visto pelos e pelas jovens como uma extensão da sua esfera privada, tornando-se uma rede social que muda completamente a natureza da relação entre as pessoas (ASSUNÇÃO; MATOS, 2014).

Este estudo visa contribuir para a construção do conhecimento acerca das relações de gênero, ainda vistas como desiguais. Portanto, compreende-se que as relações de gênero são legitimadas por valores, símbolos, normas e instituições, geram subalternidades e são sustentadas pela cultura e por padrões de socialização (PRÁ, 2013). As construções de gênero estão associadas aos modelos hegemônicos, ainda naturalizados pela sociedade. A ideia aqui defendida é, também, o estudo da socialização na perspectiva de gênero, que nos permite detectar dificuldades enfrentadas por mulheres e homens na tentativa de desfazer normas sociais e culturais.

Estudos anteriores, descrevem as redes sociais como um meio de mudança na forma com que as pessoas se relacionam e se comunicam hoje em dia. Assunção e Matos (2014), num estudo para compreender os posicionamentos de adolescentes quanto à utilização do Facebook, realizado em escolas e universidades de Portugal, afirmam que essas novas formas de comunicação influenciam no modo como os adolescentes se relacionam entre si. Porém, em outro estudo, as redes sociais são apresentadas como um espaço onde pode-se estar em lugar nenhum e ao mesmo tempo em todos os lugares, pois as pessoas podem trocar informações ou interagir com quem ou o que quiserem no momento que desejarem (MOZZINI; HENNIGEN, 2016). Contudo, neste e em outros estudos, não há uma transversalidade do gênero, o que demonstra a importância e relevância de estudos que aprofundem essa temática.





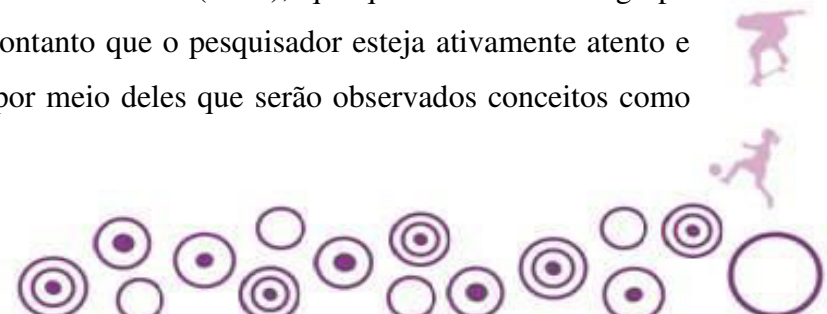
Diante desta necessidade e pensando na participação que a mídia possui na produção de subjetividades, este estudo tem como objetivo analisar qual a relação da rede social *Facebook* nas construções de gênero na juventude. A fase escolhida como foco neste estudo abrange conforme o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), pessoas entre 15 e 29 anos de idade. Porém, os adolescentes com idade entre 15 e 18 anos aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.


Método

Este estudo tem como objetivo geral, investigar qual a relação da mídia – rede social *Facebook* – nas construções de gênero na juventude através da exposição de publicações com a temática gênero a grupos de estudantes entre 15 e 29 anos. O método utilizado define-se por ser do tipo exploratório e possui um enfoque qualitativo, que por meio de um percurso analítico e sistemático, “tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima: opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade” (MINAYO, 2012, pp.626); ou seja, essa metodologia contribui para o resgate de avaliações, opiniões, concepções e significados atribuídos.

Os participantes selecionados para o estudo serão jovens do ensino fundamental, matriculadas(os) na modalidade de ensino “Educação de Jovens e Adultos” (EJA), que é o modelo de ensino do antigo supletivo. O EJA é direcionado para pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental (1º grau) ou o Ensino Médio (2º grau) na idade própria (PORTAL EDUCAÇÃO, 2017). Os critérios de inclusão utilizados foram: 1) As/os jovens estarem entre 15 e 29 anos, pois, por mais que a modalidade de ensino não limite um período de idade, este projeto irá focar no período determinado pelo Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013); 2) As/os jovens estarem matriculadas/matriculados na escola escolhida; e por fim, 3) As/os jovens serem membros da rede social Facebook. A pesquisa incluirá tanto jovens do sexo feminino, quanto jovens do sexo masculino.

Serão realizados grupos focais com jovens. Entende-se que a utilização dos grupos focais ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade (GONDIM, 2002). Conforme Barbour (2009), qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo. É por meio deles que serão observados conceitos como





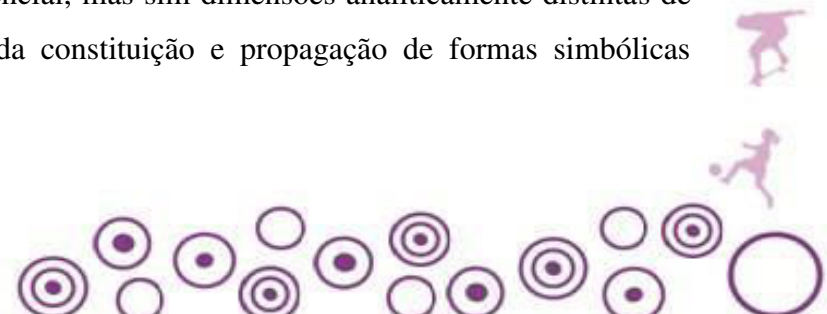
opiniões, sentimentos, explicações, valores e crenças, expressos pela linguagem, atitudes e condutas dos/das participantes.

A escolha pelo método do grupo focal se deu, porque este instrumento de coleta de dados proporciona um importante recurso de interação grupal que tem o papel de produzir e ampliar problematizações sobre um tema ou foco específico (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI, 2011). Este instrumento permitirá que se conheça a percepção dos/das jovens e os modos pelos quais as perspectivas deles/delas são socialmente construídas.

Serão expostas nos grupos focais, publicações de páginas diversas do Facebook, com a temática “gênero”. O critério de seleção das publicações foi por conveniência e também a partir das sugestões das/dos próprias/próprios estudantes no dia da apresentação do projeto à escola. As reportagens serão apresentadas para as/os alunas/alunos e irão impulsionar a discussão e debate no grupo. O grupo focal será formado por 8 a 10 participantes, os quais serão convidados e encorajados a discutir o tema de pesquisa em questão nas suas mais diversificadas dimensões, dentro de um processo de interação e participação dos envolvidos (GASKELL, 2002). Os grupos terão duração de uma hora.

As percepções das/dos jovens advindas dos grupos focais demonstraram a forma como a/o jovem define determinada construção de gênero a partir dos conteúdos acessados na rede social *Facebook* e foram fundamentados no referencial teórico da Hermenêutica de Profundidade (HP) de Thompson (2007). Este referencial enfatiza, sobretudo, o processo interpretativo e crítico frente à propagação de formas simbólicas ideológicas no campo midiático.

O processo de análise e interpretação do material de acordo com o enfoque metodológico da Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2007), propõe três fases, sendo estas: a) a análise sócio-histórica, buscando compreender as origens e a forma como se constituiu o fato social; b) a análise formal ou discursiva, que neste trabalho irá utilizar a metodologia da criação de categorias de análise; e c) a interpretação/reinterpretação, que consiste em um novo movimento de pensamento para a construção de possíveis significados. A análise formal ou discursiva terá como base, a metodologia de análise de conteúdo temática (GASKELL, 2002; BARDIN, 1979) sob um enfoque qualitativo. Essas fases não são processos isolados de um método sequencial, mas sim dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo da constituição e propagação de formas simbólicas (THOMPSON, 2007).





Discussão e Resultados

De acordo com Moita Lopes (2006), o papel da mídia é manter um discurso heteronormativo no que se refere às diferenças de gêneros. A autora descreve que em alguns momentos, os meios de comunicação tendem a negar a existência ou a reforçar um tipo específico universal de masculinidade e feminilidade. Pode-se pensar que a mídia fomenta a ideia de que todos vivem sob um mesmo padrão.

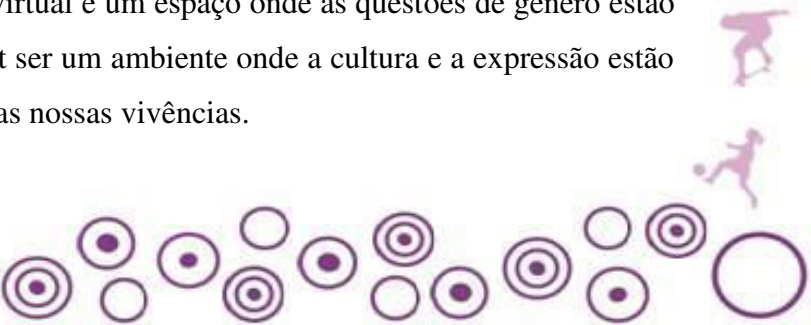
Apesar da mídia reforçar discursos heteronormativos, alguns meios de comunicação conseguem subverter essa lógica em práticas que fogem do padrão, como por exemplo a rede social Facebook, que desde março de 2015, oferece mais opções de identificação de gênero. Conforme matéria publicada no jornal Folha de São Paulo (2015), para além do feminino e masculino, também será possível identificar-se como homem transsexual, travesti, mulher (trans), crossgender, neutro e sem gênero, em um total de 17 categorias.

O surgimento das tecnologias de comunicação fez com que os conteúdos começassem a serem produzidos de forma menos verticalizada e o espaço virtual se mostrou cada vez mais aberto e produtivo para a expressão de demandas políticas relativas às questões de gênero (MISKOLCI; PELÚCIO, 2017). Os espaços virtuais se mostram cada vez mais acessíveis para o debate e discussão de questões relacionadas a gênero, porém, “essa mistura de vozes e verdades sobre identidades de gênero e sexualidade no mundo virtual reflete, em certa medida, a intensificação das transformações sociais de nossos tempos, que têm se acelerado e tornado mais exacerbada a convivência de culturas e de estilos de vida” (BIONDO, 2015, pp. 211). Contudo, a mídia de certa forma contribui para a formação da subjetividade de mulheres e homens, colaborando na composição da imagem internalizada dos papéis sociais.

Conclusão

Pode-se entender que a juventude não está dada, ela é socialmente construída, porque não tem como definir que todos as/os jovens terão a mesma experiência, justamente por não haver uma juventude universal, estática e natural. Essa pluralidade que encontramos na juventude, também está presente na internet, visto que trata-se de um espaço plural, onde diversas opiniões e pontos de vistas podem ser apresentados.

As redes sociais são meios frequentes de comunicação entre as/os jovens, principalmente o *Facebook*. O ambiente virtual é um espaço onde as questões de gênero estão presentes, justamente pelo fato da internet ser um ambiente onde a cultura e a expressão estão presentes e continuamente normatizando as nossas vivências.





Referências

ALCÂNTARA, L. O necessário debate sobre as redes digitais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 32(94), e329411. Epub April 06, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.17666/329411/2017> . Acesso em: 30 mai. 2018

ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M. Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, 19(3), 539-547, 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-73722133716>. Acesso em: 30 mai. 2018

BACKES, D. S., COLOMÉ, J. S., ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, 35(4), 438-442, 2011. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf . Acesso em: 30 mai. 2018

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BERNARDES, M. Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet: gênero e corpo. **Congresso internacional comunicação e consumo**, São Paulo – SP, 2014. Disponível em: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_MARCIA_BERNARDES.pdf. Acesso em: 30 mai. 2018

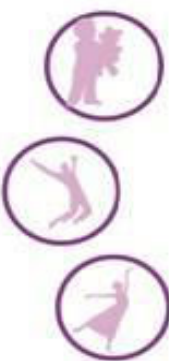
BIONDO, F. P.; SIGNORINI, I. (Re)definições e (des)construções identitárias em comunidades ativistas do Facebook: contribuições das epistemologias pós-feminista e queer. **Revista Delta-Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada - PUCSP**, 31(4), 169-197, 2015.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445084824426219897>. Acesso em: 30 mai. 2018

CIRIACO, D. **Brasil foi o país com maior número de novos usuários do Facebook em 2012**. [online], 2012. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm>. Acesso em: 30 mai. 2018

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. [online], 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 30 mai. 2018





ESTATUTO DA JUVENTUDE. [online], 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 30 mai. 2018

FOLHA DE SÃO PAULO. **Facebook agora permite que usuário escolha 17 identidades de gênero**, 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/03/1596932-facebook-agora-permite-que-usuario-escolha-17-identidades-de-genero.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2018

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (pp.64-89). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, 12(24), 149-161, 2002. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>. Acesso em: 30 mai. 2018

GUARESCHI, P.; BIZ, O. **Mídia, Educação e Cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. Saúde Coletiva**, 17 (3), 621-626, 2012.

MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. Gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, 25(1), 263-268, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p263>. Acesso em: 30 mai. 2018

MOITA LOPES, L. P. Falta homem até pra homem: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. (Orgs.), **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos** (pp 131-157). Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

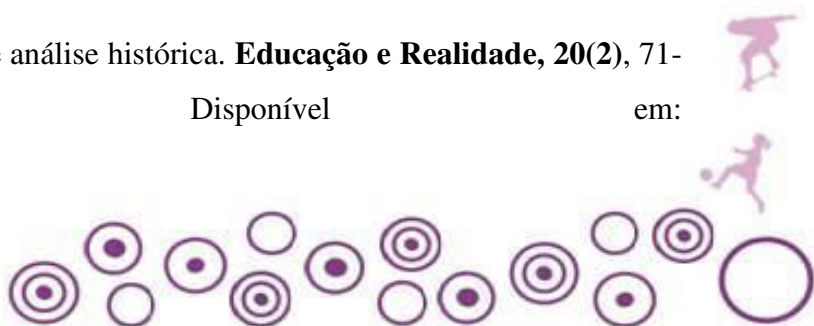
MOZZINI, C.; HENNIGEN, I. Redes digitais: um local de produção de verdades no contemporâneo?. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), 412-422, 2016. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p412>. Acesso em: 30 mai. 2018

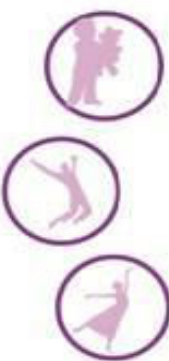
PORTAL EDUCAÇÃO. Recuperado de <http://www.educacao.cc/category/eja/>

PRÁ, J. R. (2013). Estereótipos e ideologias de gênero entre a juventude

Brasileira. **Revista Feminismos**, 1(3), 2017. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/view/76>. Acesso em: 30 mai. 2018

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20(2), 71-99, 1995. Disponível em:





http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 30 mai. 2018

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

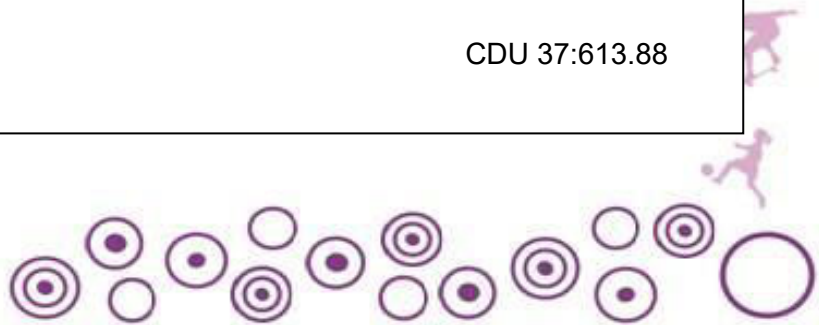
Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88



Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

